

O Crime do Padre Amaro é um romance de tese do escritor português Eça de Queiroz (1845-1900). A obra foi publicada em 1875, marcando o início do realismo português. Vale lembrar que Eça é considerado um dos maiores escritores do país e ainda, o maior representante da prosa realista e naturalista de língua portuguesa, a obra tem 624 páginas;

O CRIME DO PADRE AMARO

SINOPSE – POR FRANCISCO PICCIRILO

CAP. I

Órfão de pai e mãe, Amaro nascido na casa de senhora Marquesa de Alegros em Lisboa, pois seus pais eram criados da S. Marquesa, cresceu com certa educação social. Ali enquanto menino, ajudava o padre Liset na celebração da Santa Missa, mostrava-se muito devoto para as coisas divinas, tanto assim que a Marquesa resolveu encaminhá-lo para um Seminário.

Embora a Marquesa de Alegros se mostrasse muito bondosa, tinha seus escrúpulos, além de duas filhas as quais mostrando-se muito santinhas, eram capazes de fazer o céu virar um inferno.

Entre as criadagens do palácio, Amaro era levado a brincadeiras que muito poderiam mudá-lo de vocação ao crescer.

A Marquesa veio um dia a falecer, todavia, deixou em testamento recomendações ao padre Liset, para que, quando Amaro tivesse quinze anos, fosse encaminhado a um Seminário. Amaro, por ocasião do falecimento da protetora, era ainda muito novo e com isso foi encaminhado à casa de um tio negociante em Estrela, homem gordo, bruto, tipo Ignorante além disso casado com uma mulher ultra Vaidosa, mas estúpida e ignorante como o marido.

Não podendo escolher melhor sorte, Amaro sujeitou-se a nova vida, porém, à medida que os dias passavam, embora tivesse perdido um pouco sua vocação sacerdotal, sua ida para o colégio representava um alívio daquele suplicio.

Aos quatorze anos, seu tio passou a tratá-lo diferentemente, tornou-se mais sensível, mais humano. E que para o tio, sua ida ao colégio representava um alívio de consciência.

Completando a idade o futuro sacerdote, cuja vocação era forçada, pois, a vocação sacerdotal vem de Deus e não da vontade humana, foi para o seminário e completado os estudos foi ordenado "sacerdote para todos os tempos".

CAP. II

Uma vez ordenado restava agora o cumprimento sagrado. Pastorear o rebanho de Deus. E onde seria isso?

Como primeira paróquia Padre Amaro foi designado para a Freguesia de Feirão, na Gralheira.

Enquanto estudava e mesmo agora formado, Padre Amaro recebia cartas do Padre Liset que o tinha em contato com as vontades santas da falecida Marquesa, inclusive dos destinos de seus tios, das filhas da Marquesa, de sua irmã que estava casada e muito bem em Coimbra. Assim, o

nove sacerdote ia sentindo as responsabilidades de sua profissão e ao mesmo tempo ia acompanhando a evolução das coisas no lado oposto de seu mundo.

Designado para a paróquia de Feirão, padre Amaro foi para lá. Entretanto, encontrou um lugar pobre de recursos financeiros, gente pastosa que viviam ao pé de uma serra num clima muito frio. Pouco tempo ficou ali. Sabendo da situação econômica de sua irmã, solicitou dinheiro a ela e rumou para Lisboa, em busca de melhor vida.

CAP.III

Em Lisboa procurou pensão em casa de sua tia, ao mesmo tempo apelou para a Condessa de Ribamar, filha de falecida Marquesa de Alegros atualmente casada com o Conde de Ribamar, homem de grande influência nos meios políticos e religioso.

Houve certa demora, mas depois de algumas dificuldades, padre Amaro conseguiu sua nomeação para vigário de Sé em Leiria.

Durante sua permanência na Capital teve de enfrentar algumas dificuldades financeiras, bem como sentir a situação social de sua tia, que levada muita pela vaidade, acabou tornando-se hoteleira de prostitutas, mesmo assim de curta duração. No momento sua posição social e econômica era bastante deplorável. Todavia, pode abrigar o sobrinho e ajudando ser também ajudada.

CAP. IV

Leiria, capital de uma província e sede de um bispado, apresentava-se como um prêmio ao novo sacerdote. Sua nomeação para lá era tida como a de um afilhado bem protegido politicamente.

Havia vagado a paróquia da Sé com o falecimento do padre José Miguéis, sacerdote comilão, bem nutrido, porém, pouco simpático às beatas devidas seu modo camponês que muito desagradava às madames da Catedral.

Cônego Dias, ex-professor de Amaro no Seminário e o único conhecido do mesmo na cidade, recebeu uma carta comunicando sua nomeação, bem como solicitando-lhe uma casa para morar e instalar seu escritório.

Foi uma surpresa e de uma missão um tanto delicada. Ao resolver a correspondência lançou mão do coadjutor senhor Mendes e vagando pela cidade iam discutindo a situação da chegada do novo pároco. Seu ponto de vista já estava feito, seria a casa da senhora Augusta Caminha, conhecida por S. Joaneira, mas preferia a cooperação do coadjutor da Sé.

Mendes, homem prudente e de poucas palavras, ouviu as explicações do velho Cônego, porém, achou que a S. Joaneira tinha uma filha, moças bonitas e casadoira, chamava-se Amélia, e isso podia, segundo a língua do povo, causar alguns transtornos.

As ponderações do coadjutor eram certas, mas Cônego Dias dispensou os argumentos mostrando outros casos de padres morando em casas que poderiam ser suspeitas, mas que tudo corria bem. Com os argumentos apresentados, o problema estava resolvido com a Sé, restava agora a S. Joaneira, cuja situação também foi fácil dada a grande amizade do Cônego na casa.

Padre Amaro estava solidamente garantido em Leiria com o cargo de vigário da Sé. Nesse momento o povo já aguardava ansiosamente sua chegada, pois sabia que era um moço novo, bonito, simpático, muito diferente do coitado do Miguéis, cuja morte não foi sentida por ninguém e até seu cachorro era enjeitado por todos, vindo a falecer - de fome e miséria. Dir-se-ia que morreu como seu dono.

CAP. V

A cidade de Leiria, embora não fosse grande, já apresentava seus problemas políticos, sociais, econômicos e religiosos. O Bispo, velho e doente era figura decorativa, pois a direção governamental estava entregue ao Chantre Valadares, vigário geral. Doutor Godinho, advogado, político e jornalista, era de grande influência e anticlerical. Doutor Gouveia, médico, embora também anticlerical, sabia, entretanto, contornar as situações política e religiosa, pois servia a todos na cidade; o corpo clerical, podia-se afirmar, estava corrompido; uns velhos, outros dominados pela vaidade e posição social. A figura de Amaro Vieira era, portanto, esperada com certa alegria, inquietação e dúvida. Conego Dias era seu maior propagandista, pois foi seu professor no colégio e o conhecia muito bem, aliás, era o único que o conhecia.

Uma bela tarde ao chegar a diligência, chegou também o novo padre; novo na idade, na profissão e no cargo.

Cap. VI

Instalado na casa da S. Joaneira, procurou dar conta de sua missão. Ganhou a confiança dos colegas, dos fiéis, da dona da pensão e sobretudo, da menina Amelia, já com seus vinte e dois anos.

Amelia já não era mais criança, pois com a idade que tinha era bastante dona de si; bonita, meiga, educada, inteligente, tocava piano e namorava um rapaz, funcionário de Cartório, porém, um tanto ingênua por influência religiosa.

A hospedagem de padre Amaro trouxe uma mudança brusca no ambiente da casa e este soube aproveitar da situação, pois embora ordenado sacerdote, não conseguiu eliminar as intenções secundárias de um animal humano. Seus olhos e seus pensamentos estavam sempre voltados para Amelia e esta, ou dominada por um interior misterioso, ou julgando ser obrigação religiosa, indiretamente, correspondia aos olhares indiscretos de Amaro.

À medida que os dias passavam, quer durante o dia, quer durante a noite, o laço de simpatia e desejos entre ambos iam aumentando cada vez mais. Na casa da S. Joaneira era comum as reuniões das senhoras Joaquina Gansoso, Maria da Assunção, Josefa Dias, irmã do Conego, Arthur Carreiro, João Eduardo, tido como namorado de Amélia, Libano, Conego Dias, Padre Amaro e outros, que após o jantar, o chá, punham-se a ouvir um pouco de música tocado pela moça e cantada por Arthur; depois passavam ao jogo de loto e assim, visitas e hospedes distraiam e divertiam-se de mais um dia de lutas.

João Eduardo, que namorava Amelia e nutria um amor por ela, a medida que os dias passavam, sentia a perda cada vez mais de sua amada. Entretanto, padre Amaro ganhava mais a amizade e, mais do que isso, seus amores, tanto assim que, a própria moça solicitou-lhe mais prudência, pois o rapaz vinha notando o modo apaixonado de ambos.

Um frio correu pela espinha do padre, pois se o rapaz tido como simplório vinha observando, imagina os futriquei-os os quais havia bastante.

A fim de evitar maiores complicações, padre Amaro resolveu mudar de pensão e coube novamente ao Cônego Dias acharem casa para transferência.

A princípio foi esquisito a explicação e padre Amaro não revelava o motivo, mas cônego Dias acabou achando bom, pois a presença de Amaro na casa havia lhe estragado os prazeres com a dona da pensão. Assim que encontrou uma casa, embora bem mais pobre, mas mobiliada e com objetos domésticos na Rua dos Souzas, levou a vê-la.

Amaro sentiu remorso depois das mudanças aquilo veio-lhe trazer outro sacrifício, mas em compensação livrou-se da presença de Amélia. A S. Joaneira sentiu a mudança, chorou até; Amélia mordida os beiços; Conego Dias tranquilizava-as. Afinal o moço não ia partir para outro lugar, apenas mudou de casa.

Em sua nova residência o ambiente não era o mesmo da casa da Rua das Misericórdias. Ali não havia a mesma comida, a mesma cama, a mesma alegria. Havia uma criada, mas não se parecia nada com Amélia.

Na casa da S. Joaneira João Eduardo sentiu-se mais à vontade com a mudança do padre, pois, não sendo muito católico e vendo perder sua amada por um homem do clero, estava aumentando seu ódio contra o referido vigário e intruso o qual, Bom tempo passou-se após a mudança de Amaro e este procurou desenvolver seus trabalhos, inclusive chegou a mudar de horário na celebração de missa, mas certo domingo, quando consagrava a Santa Hóstia divisou a S. Joaneira e a filha entre os fiéis. Tremeu, teve dificuldade em terminar o Santo Sacrifício; todo o passado voltou em segundos. Terminada a cerimônia procurou as conhecidas e come chovia encontrou-as na porta da igreja esperando uma oportunidade para se retirarem. Houve um encontro alegre e o sacerdote amigo ofereceu seu guarda-chuva. A S. Joaneira então convidou-o a voltar em sua casa, conversar, tomar chá e a moça também insistiu para que o mesmo fosse, pois ela o esperava ansiosamente. Diante disso, padre Amaro não via o dia escurecer para a noite ir até a pensão da Rua das Misericórdias.

Desde aquele dia, embora não tivesse mudado, sua presença era assídua e isso veio novamente perturbar a paz de João Eduardo que via outra vez seu namoro prejudicado.

CAP. VII

Cada vez mais sentido, perdendo o amor de Amélia, João Eduardo vinha passando momentos difíceis, horas sem dormir e cada vez mais desconfiado e enciumado, apelou para o jornal do Dr. Godinho, "A Voz do Distrito", e com a aprovação do diretor publicou um artigo denominado "Comunicado", assinado sob o pseudônimo de um Liberal intitulado Os modernos fariseus".

Momentaneamente o artigo fez sucesso, Dr. Godinho triunfava, mas o clero revoltou-se: o artigo atingia a todos em cheio. O que menos soube entender foi Amaro.

Em casa da S. Joaneira, Conego Dias lia o artigo pondo cada personagem no lugar; ninguém escapou da pena e até padre Amaro, Amélia, S. Joaneira foram advertidos e atingidos. Padre Brito ameaçou rebentar os ossos do Dr. Godinho, suas fúrias eram tão grandes que foi até advertido pelos colegas. Padre Natario mais acomodado e meio diplomata se encarregou de

apelar para proteção do Governo. Mas nada conseguiu, o administrador civil achava que a imprensa era livre e fez ver ao padre as boas relações políticas do Governo e da oposição mantida pelo Dr. Godinho.

Padre Brito, o mais visado foi removido, mas Natario fazendo o papel de investigador não desistia em descobrir o autor do artigo. Quem escreveu estava muito bem ao par desse personagem do artigo. Dr. Godinho esfregava as mãos de contente, o artigo foi uma bomba e João Eduardo recebeu dele a garantia de colocá-lo a serviço do Governo com um ordenado bem melhor do que no Cartório. Mas a alegria durou pouco, o autor fora descoberto, tratava-se de João Eduardo e este por se achar muito tempo desligado da Igreja, caíra na antipatia e maldição do clero, o que menos servia para marido de Amélia. Assim sua situação piorou, não trabalhou para Governo e ainda perdeu o emprego no Cartório, tendo inclusive de mudar para outro lugar. Com isso os negócios de Amaro melhoraram muito, e seus pensamentos para achar um lugar onde colocar sua futura amante vieram mais floridos ainda, pois durante o tempo em que vivia na Rua dos Souzas, sua vontade, volúpia, desejos eram em torno da moça. Aquele corpo não devia pertencer a mais ninguém. Ele não a podia ter legalmente, sem pecado, pois se fosse um rapaz livre casava-se e tudo estava resolvido, mas contra sua própria vontade o fizeram sacerdote e tanto sua posição, como a dela eram periclitantes. Quantas mulheres que foram amantes de padres estavam reduzidas a nada, simples mendigas. Amélia mesmo conhecia algumas.

Padre Natario, o qual havia descoberto o autor do "Comunicado", instruiu todo o Clero com relação ao moço. Cônego Dias contaria a S. Joaneira; Padre Amaro, a Amélia; Ele ao senhor Ferral, patrão do moço. Desse modo, João Eduardo não teria mais emprego, nem garota, nem nada. Estava liquidado para sempre em Leiria.

Certa noite em que a tia de Amélia, que há muito tempo vivia entravada na cama veio a falecer, Padre Amaro aproveitou entre o transe da agonia e da morte da velha, contar a seu modo o papel criminoso de João Eduardo eliminando dela a última esperança que poderia ter do rapaz, considerado como republicano, anticlerical, ateu e outros adjetivos, os quais o próprio Amaro dizia ao Natario, " Isso e perseguir demais, e arrasar o pobre rapaz", mas Amélia não poderia jamais ter um homem dessa espécie como marido.

Entretanto, não obstante a cena fúnebre que se passava na casa entre a extrema união dada a velha e os últimos suspiros, Amaro e Amélia na cozinha amavam-se e beijavam-se em afetuoso os beijos. Durante a noite a velha morreu causando um frenetismo a S. Joaneira.

CAP. VIII

Tão logo todos ficaram sabendo a autoria do Comunicado, João Eduardo entrou em declínio. Era um ateu, perdido, péssimo homem, seria mau esposo, corruptor das leis. Ao ir à casa da noiva não a encontrou e recebeu uma carta desmanchando o noivado. João Eduardo procurou sua noiva, queria explicar certos detalhes, mas foi em vão. Ela não mais o admitia. Recorreu ao Dr. Godinho, mas este também não tinha nada a fazer, não houvera roubo, nem mortes, nem outro crime fácil de ser solucionado. Questões de amor, no Tribunal de Justiça não havia solução, e ainda por cima, o Dr. Godinho teve um atrito com a posição, por causa da publicação. Desesperado, João Eduardo recorreu ao Dr. Gouveia, muito conhecido, muito amigo, asse pelo menos era amigo da família Joaneira e poderia interceder em seu favor, mas também ali foi inútil. O médico curava doenças físicas, mas não amorosa, assim restava ao jovem se conformar com

os resultados e procurar outro ambiente, ou tornar-se um marginal, um assassino e acabar com a vida de todos os padres.

Andando pelas ruas e sem rumos, João Eduardo encontrou com Gustavo, um tipógrafo do jornal, que havia ido para Lisboa. Este convidou-o para um jantar num restaurante e enquanto comiam foi contando as coisas que iam pela Capital. Falou sobre política, revolta, brigas de espanhóis, operários se mexendo e por fim quis saber do amigo. Eduardo então contou os últimos acontecimentos com relação a publicação do artigo, rompimento do noivado, perda de emprego.

---Que é isso e de mulheres? nada de apegar a elas, numa época em que cada um puxa para si e que os operários se levantam? não, não é para um moço estar pego a uma moça cheia de coisinhas!

Com esses conselhos, Gustavo procurava despertar João Eduardo, o qual ainda estava dominado pelo ódio, ciúme e raiva do que lhe havia acontecido.

A medida em que o moço contava os acontecimentos relativo ao artigo, mais entusiasmava Gustavo, vendo nele uma grande oportunidade para suas ideias anarquistas. O pior é que tudo se tramava para conquista da moça por parte do padre Amaro, dizia Eduardo. E a cada palavra do rapaz, mais o Gustavo se irritava contra o clero. Suas ideias já formavam uma publicação de boletins difamando os padres. Em dado momento Gustavo gritou

---Abaixo a religião!

---Viva Pio Nono gritaram ao lado.

Formaram planos, mas custava dinheiro e ambos estavam limpos para uma campanha impressa contra o clero, nem mesmo usar papel do Cartório podiam fazer isso, pois o oficial era religioso e João Eduardo via seu emprego cair.

Já tardezinha saíram ambos. João foi para a Misericórdia, queria ainda falar com Amélia, mas não a encontrou e indignado pelo tratamento da empregada foi embora atravessou o largo da Sé e quando avistou padre Amaro que vinha com o padre Silvério, atacou-lhe com surpresa vibrando forte soco. Padre Silvério gritou por socorro e toda a vizinhança correram para ajudá-los. Os socorridos foram para a botica de Carlos, enquanto o Oficial foi para a Delegacia prestar declaração. Na Delegacia várias pessoas tiveram que depor no processo de agressão. Esse incidente veio complicar ainda mais a ruína moral e econômica do rapaz, enquanto aumentava o prestígio do clero.

Em casa da S. Joaneira, livros, objetos e presentes de Eduardo, segundo o Padre Natário e Cônego Dias, estavam excomungados. Tudo o que pertencia a um agressor sacerdotal está ipso facto, excomungado, como excomungado estava o agressor de Amaro. Tudo deveria ser queimado sob pena dos possuidores serem também excomungados. E aquela turma de beatas esconjuravam isso. Após fazerem uma boa fogueira que devorou livro, carteira, lenço e outros objetos pertencentes a moça, dada por João Eduardo, deram por terminada mais um capítulo na perseguição ao ex-namorado de Amélia.

Enquanto isso, João Eduardo, no seu quarto sentado ao pé da cama, banhava-se em lágrimas, pensando na namorada, no seu amor, em tudo o que tinha perdido na casa da Rua das Misericórdias, por causa de um padre moço, o qual sob uma batina, abusava de tudo e de todos.

Enquanto Edinido sofria, outros benziavam-se e lamentavam a sorte de Padre Amaro que morando sozinho, agora estava sob os cuidados de uma empregada bastante suspeita, como falou o Libaninho as senhoras Joaneira e sua filha, quando a caminho da Sé, para a missa cantada.

Realmente, enquanto na igreja celebrava-se uma missa importante, cheia de cerimônia, Padre Amaro, vendo na frente dos fiéis as figuras muito conhecidas, não perdia oportunidade, mesmo estando com a Eucaristia e o Cálice de Vinho nas mãos, fazia com todas as reverências, mas seus pensamentos estavam em Amelia e esta parecia beber aquilo como se fosse um ato de domínio sobre si.

A tarde desse domingo, Cônego Dias oferecem um jantar em sua casa e como convidados estavam Amaro e Amélia. Tudo corria bem, comeram e beberam a vontade. A S. Joaneira deveria vir buscar a filha, mas no fim não veio e por estar levemente doente mandou um casaco e avisá-la. Preocupada, Conego Dias e sua irmã tranquilizaram-na, pois a levaria para sua casa, entretanto, depois de tanto comerem e beberem o anfitrião ficou também doente e assim Padre Amaro levou Amelia, porém, como ameaçava forte chuva passaram pela Rua dos Souzas escondendo-se da mesma.

Aquela chuva que já caía e os demais acidentes havidos na casa do Conego vieram a calhar bem menos seus desejos de conquistador e mesmo temendo a presença da governante de sua casa, acabou facilmente levando a moça para seu quarto com desculpa de uma confissão. A empregada comprada com algumas moedas, qual outra judas, deveria meia hora depois chamá-los. A chuva já havia passada.

Se a moça subiu virgem para o confessionário, não desceu mais com essa dignidade, pois "Consumatum est", o crime planejado a tanto tempo foi executado. Ao sair à rua, dois bêbados passaram cantarolando. Padre Amaro estava satisfeito, a moça guardava uns ressentimentos e também vergonha pelo seu algoz e da empregada ali presente.

CAP. X

No outro dia Padre Amaro ainda gozava os deleites do ocorrido. Todos os sacerdotes, bispos, Cardeais e talvez até o Papa tinham amantes. mas em quartos bons. Ale teve também em Feirão, mas num paiol. Agora tinha em seu quarto. Sua preocupação estava na empregada e maquinava um jeito de que ela não espalhasse o acontecido, mas como ajeitar isso?

Dionisia, empregada provisória de Amaro, já um tanto for a de moda, mas muito autoridade no assunto, aproveitou um momento, quando arrumava o quarto, e advertiu do perigo a que estava se expondo. Naquele momento passavam dois boêmios, mas se fossem cavalheiros, ou futriqueiros?

Com essa advertência da mulher, antiga amante de nobres e cavalheiros, ficou o problema resolvido. Era ela que o ajudava e não precisava mais se preocupar para calar-lhe a boca. E Dionisia diz-lhe.

---Não fica bem para um padre ser visto ou sabido pelos outros. Sua casa não era lugar apropriado, mas se quisesse continuar os amores, a casa de um sineiro num bairro retirado ficava bem.

O sineiro em questão, homem aleijado, era o sacristão de uma capela, não muito retirado do centro, tanto assim que se podia vir muito bem a pé.

A conselheira, mulher muito experiente nessa vida impura, devia conhecer bem até os Locais para a prática do adultério, concubinatos outros processos mais.

Amaro, astucioso, interessado, porém, ainda inexperiente, com mais uma moeda acabou comprando melhor a conselheira, que assim ia lhe pondo no caminho certo e seguro para a prática de um escândalo, principalmente dada sua missão sacerdotal, homem a serviço de Deus, cujas mãos, corpo e mente, deviam ser puras.

CAP. XI

Mais do que interessado no assunto, o vigário da Sé, agora verdadeiro conquistador e perdidos de inocência, tratou de visitar o sítio e conhecer as minúcias do terreno carpelar. Tudo estava certinho, o fundo da capela ligava à funda casa e tanto a capela como casa tinham entradas diferentes. A casa do sineiro tinha cômodos térreos e superiores, único obstáculo era a filha do homem, que há muitos anos estava entravada na cama. Uns acreditavam em doenças, mas as beatas, e possesso diabólico.

Padre Amaro, cada vez mais sabido no assunto, rezou missa na capela, dirigiu olhares e benções todas as especiais ao Tio Esguelhas, o sineiro do lugar, e quando acabada a missa, levou o homem para um lado e expos seu plano diabólico, mas em forma muito divina. Amelia, dizia ele, quer ser freira, ficara muito sentida com os acontecimentos do jornal, do escândalo social entre o clero, do rompimento do noivado. Mas, a vocação precisa ser analisada, inclusive, para que espécie de serviço Precisava de um lugar apropriado onde não fosse perturbado, portanto, nem na Sé, nem na casa de moça, nem em sua pensão o lugar servia, o melhor era a casa do sineiro, lugar meio afastado da cidade, calmo, perto de uma capela e na casa de um homem a serviço de Deus, pois tocar os sinos de uma igreja era convocar os fiéis ao culto do Senhor.

Tio Esguelhas, diante de tão honrada preferência ficou todo satisfeito e fazia mais ainda para ser útil a tamanha e nobre causa, mas objetou, tinha a filha entravada na cama.

Oh!, que lastima, o padre não sabia desse estorvo, mas imediatamente lembrou de uma salvação; já que Amelia pretendia ser freira, iniciaria dando uma instrução religiosa e intelectual a enferma e depois receberia as instruções de vigário. E assim, aquele problema e local ficaram acertados; restava agora a moça saber do arranjo, bem como despistar a mãe, as respeitáveis senhoras, que para a religião eram todas doces e santas.

Em seu quarto redigiu uma carta pondo Amelia ao par de seu plano. Tudo ótimo, segundo a própria moça que a noite em sua casa tocando piano disse ao padre. Restava agora convencer o grande congresso: Cônego Dias, sua irmã, S. Joaneira, d Gansoso e companheiras.

Com sua simpatia, lábia e outros arranjos, Padre Amaro foi entrando no assunto.

Totó, a filha paralítica do tio Esguelhas, era uma alma para Deus, porém, devido a doença, estava afastada da religião, por isso, alguém que pudesse fazer um pouco de caridade, de catecismo, devia sacrificar-se pela enferma.

A nota tocou fundo entre os presentes e cada um procurava dar seus palpites, mas nem um coincidia com seus planos, por fim falou pausadamente e com o verdadeiro acerto; livros, figuras e outros objetos não davam certos, pois a doente não sabia ler, era necessário aulas faladas e ninguém melhor do que Amelia, que uma ou duas vezes por semana daria uma hora de catequese e ele, Padre Amaro, sempre que pudesse, daria toda a assistência espiritual acompanhando o progresso da coitada enferma. Assim, a doente teria uma assistência divina, sofrendo talvez menos sua pesada cruz.

Houve alguns senões ali entre os presentes e mesmo Amelia fez algumas objeções, mas no fundo o plano estava todo preparado, a enferma receberia umas aulas sobre Deus, o paraíso, os anjos: Amelia teria no quarto superior e em seus braços o querido amante e ele, naqueles minutos e corpo, o quer deixaria de um santo sacerdote, para dar vasão aos instintos bestiais, próprio dos homens sem escrúpulos.

A casa, o sossego, tudo era propicio, até tio Esguelhas, cúmplice involuntário da tragedia, cooperava, passeando pelo campo, enquanto os amantes se gozavam voluptuosamente. Eles, durante aqueles momentos, não podiam ser molestados por ninguém.

CAP. XII

Amélia iniciou sua nova jornada. Uma ou duas vezes por semana trajava-se, perfumava-se e iniciava a caminhada para a casa de Totó. Sua mãe estranhava seus aparatos, os perfumes, mas ela dizia que era mostrar também a higiene a doente. Passava pela catedral, rezava e seguia em frente. Realmente dava as lições, mas depois com o Padre subia a escada para o quarto superior. Ai a enferma ficava intrigada. Era doente, impossibilitada de andar, mas como mulher seu instinto não negava, lá em cima não existia plano vocacional, mas tão somente concubinato, sem-vergonhice, amores ilegais, e a doente sofria mais ainda por aquilo. Estava involuntariamente sendo mapa de um crime abominável. Em cima, o barulho revelava atos diferentes de uma lição crista. Dom isso, ao invés de melhorar fisicamente, piorava e pior ainda, não podia desmascarar aquele espetáculo. Ninguém vinha ali visitá-la e seu pai não acreditaria, estava dominado pelo vigário. Quem iria contra o superior?

Padre Amaro e Amelia sabiam que a do- ente piorava, mas seus planos e interesses não eram o bem da paralitica, mas sim, seus amores. E enquanto podiam se amar, não deviam perder tempo e estragar os prazeres com gentes inúteis.

O tempo passava e todos na casa da S. Joaneira acompanhavam os progressos de Totó através dos professores, porém, ninguém ia pessoalmente ver a nova conquista do céu. As vezes faziam deverem que a enferma piorava, porém, era justo, o demônio que se instalara na moça estava perdendo aquela alma e como reagisse ela sofria, mas depois voltava a melhorar. Assim, os catequistas levavam o pessoal na conversa. Um dia Conego Dias resolveu ir ver a doente e isso foi até bom para todos, pois através dele ficariam sabendo melhor do progresso espírito e intelectual da condenada.

CAP. XIII

Enquanto Conego Dias fazia plano, Padre Amaro gozava. Tudo corria as mil maravilhas. Ninguém suspeitava do bordel que se instalara na casa do pobre sineiro. Na casa da S. Joaneira, na Catedral e até mesmo na casa do Padre, que havia mudado de empregada, os amores dos dois passavam

despercebidos. Entretanto, não obstante Amélia ter sido dominada por Amaro a qual tornara-se uma amante ingênua, ele temia perdê-la e com isso fazia-lhe uma série de comentários em torno da dignidade sacerdotal, fazendo-a ser mais escrava do que mulher.

Em muitos países, dizia Amaro, os padres têm poderes inclusive sobre governos, reis, sobre os homens, tem poderes até acima de N. Senhora, a qual teve o Cristo em suas entranhas por nove meses, mas o sacerdote o tem nas mãos todos os dias. E quando Amélia, moça como era falava de passeios, bailes e divertimentos, provocava-lhe tal ciúme de perdê-la que chegava até ameaçá-la de morte. Ela devia ser só dele, nem passear na cidade, ir as lojas, devia ir sozinha, pois os homens, os rapazes, oficiais do exército, todos eram lobos famintos prontos a pegarem uma presa fácil. Ele os conhecia através do confeccionai-os

No entanto, esse passatempo em favor do egoísmo frenético do homem que escondia sua, mas cara negra sob a batina preta, Amelia sentia a falta de alguma coisa, eram os presentes os quais geralmente os amantes dão. Perfumes, vestidos, bolsas, colares, anéis, mas infelizmente seu amante não lhe dava nada e exigia tudo. Mas padre Amaro sabia disso, lia em seus olhos o prazer de um presente.

Certo dia ao passar pela capela, mostrou a moça um vestido e uma rica capa que N. S. das Dores havia ganho de um devoto.

Nossa Senhora das Dores, considerada madrinha e protetora de Amelia gozava da mais perfeita devoção e mesmo para os seus baixos atos, os quais julgava servir a Deus na pessoa de seu amante, merecia todo respeito. Tudo o que era tocado por mãos ungidas eram santas, assim, seu serviço, suas ações, as relações sexuais, estavam tudo a ser viço de Deus. Nesse modo de compreender ela vivia um papel de santa, todavia, quando Amaro mostrou-lhe o vestido, a capa e fê-la vestir para ver como ficava uma rainha, sentiu-se rebaixada, tomando aquilo como uma ofensa, um pecado contra a Virgem.

Padre Amaro vestiu-a meio a força, fê-la girar uns momentos aquele luxo, afinal, as roupas ainda não estavam benzidas, portanto não havia violação sagrada. Agradar a amante à custa dos fiéis devotos das Dores, era o que ele queria. Amelia ficou petrificada, tudo admitia, mas isso não era lícito e aquele ato ficou-lhe no mento como uma grande ofensa a sua madrinha. Cada vez mais aumentavam seus crimes perante Deus, a Virgem Imaculada e a própria Corte Celeste.

CAP. XIV

Conego Dias, conforme manifestara a intenção de visitar a doente encontrou casualmente na cidade o Abade Ferrão, que viera de sua freguesia a serviço religioso. Os dois conversaram, trocaram opiniões e por fim Cônego Dias falou da visita que ia fazer e convidou o colega para essa missão. O Abade recusou o convite alegando outros compromissos, mas achou esquisito que os demônios só procurassem de preferência as mulheres, aliás, a Bíblia estava cheia de casos típicos.

Enquanto conversavam, Amélia dirigiu-se para o sítio, assim, Conego Dias despediu-se do colega e alcançou a moça. Esta ficou surpresa, mas gostou da ideia do Conego e aproveitou para ir contando os pormenores dos resultados os quais longe de progredirem estavam piorando. E o Cônego dizia.

---Hoje é dia de visita. Padre Amaro também deverá ir visitá-la.

A notícia preocupou a moça, pois a Totó podia estragar todos os interesses de ambos, revelando o segredo dos amantes.

Chegaram à cama da doente e Amélia apresentou a enferma o Conego que lhe vinha fazer uma visita. A doente, ao invés de loucura ficou muda, mas quando Amelia saiu do quarto a parálitica abriu a boca.

---E o outro?

---Que outro!

---O mais moço, aquele bonito, magro, que sobe com elá-la para cima!

Cônego Dias num relance, velho lobo, compreendeu alguma coisa e quando Amélia, a qual havia ido à cozinha para impedir a entrada de Amaro até ali voltou, entre algumas palavras despediu-se da doente e foi para a cidade mais louco de raiva do que um lobo feroz. Mesmo na botica do Carlos perceberam seu estado físico; trouxeram-lhe inclusive um calmante.

Os conhecidos estavam preocupados com o estado do Conego, este, no entanto aguardava a volta da moça e assim que a viu regressando, saiu brutalmente e foi até a casa do tio Esguelhas.

Ao pé da enferma pediu explicações e quando ficou sabendo do papel imoral que o colega e a moça vinham fazendo ali voltou mais feroz ainda, seus olhos vermelhos, suas mãos tremulas, seus passos dificultosos, entrou pela igreja como um leão em cima da vítima.

Três horas da tarde, Amaro todo folgado ia saindo da sacristia quando topou com aquela figura outrora respeitável, ex-professor de moral no Seminário, agora parecia uma fera.

O diálogo pouco familiar entre ambos se puseram todos ao par das infâmias. Entretanto, Padre Amaro sempre calmo revelou-lhe que o sabia amante da S. Joaneira e, entretanto, nunca foi espionar e muito menos interrogar quem quer que seja. A isso desmontou o furioso ex-professor. Porém, o Conego ainda quiz vencê-lo.

---Mas você no início da carreira

---E o senhor no fim respondeu Amaro. Afinal somos homens, temos o direito, é a carne que reclama, pouco importa as aparências e a profissão.

E entre ambos firmaram um acordo comum, ninguém saberia nada, ninguém deveria saber. Cônego Dias continuou com a S. Joaneira e Padre Amaro com a filha. O velho ainda lamentou, preferia que fosse com outra rapariga, pois parecia-lhe uma filha, inclusive o jovem sacerdote já pilhe ricamente o tratava de sogro.

CAP. XV

Amelia andava amedrontada, nervosa, tremia, parecia-lhe que N. Senhora das Dores a castigava, não ouvia mais suas orações. Sua mãe notou as mudanças, queria chamar o médico, mas ela recusava. Desde aquele dia em que vestira o manto da Virgem não tinha sossego de alma e intrigava o Padre Amaro sobre isso. Amaro chamava-lhe a atenção, afinal vinham ali na casa do sineiro para gozarem e não pensar em pecado. Nervo sismo, temores, tudo não passava de

imaginação vás e infantis e ela estava garantida e protegida nas mãos do sacerdote, o homem que tinha es maiores poderes, pois tinha todos os dias nas mãos próprio Deus.

Totó, além da paralisia e dos poderes do demônio sobre seu corpo, veio a ficar também tuberculosa e esta, como que querendo levar mais depressa a vítima, fazia-a sofrer mais ainda com expectoração, sangue e febre. Mas no quarto de cima, os dois se amavam. Amelia lembrava da coitada, repugnava-lhe as caricias, os beijos, os abraços trocados com o homem sabendo que lá embaixo Totó sofria desesperadamente, mas Amaro a tranquilizava fazendo-lhe ver que aquilo também era uma privação divina. Ela sofreria na terra, mas purificava-se para o céu. Assim Deus a queria.

Enquanto isso, Cônego Dias, a propósito de umas ofensas cometidas por dona Maria Assunção contra o Santo Concilio de Trento aconselhou-a se confessar. Esta fez com Amaro e ele mandou-a que mandasse rezar trezentas missas pelas almas do Purgatório e com isso, além de outras ajudas, inocente vigário trazia a sua amada alguns presentes, coisas que as mulheres gostam.

CAP. XVI

---Ela está grávida, padre mestre! Com essa aflição, Amaro entrou na casa do Conego e foi logo contando a última. Aquela turvação, frieza, olhos fundos, temores e outros incômodos que a moça vinha apresentando teve o seu fim.

Conego Dias era sempre o homem para todos os fazeres do Padre Amaro, por isso tinha que se haver com mais essa de seu ex-discipulo e agora colega na profissão e na vergonha de um amor ilícito.

De portas fechadas no escritório, um e outro estudavam a situação. Nessa hora ele morria, fugia, fazia quaisquer coisas; via o escândalo descoberto e aquela harmonia; aquela devoção, respeito, recato, enfim, tudo o que desfrutava na sociedade e na casa da S. Joaneira, desmoronar-se Água abaixo.

Agora mais do que antes a coisa piorava. Gravidez, nascimento de uma criança, tudo ficaria revelado e então!

Os dois discutiam. Padre Amaro exigia uma solução e o Conego divagava. Estudava o jeito, enfim resolveu o impasse.

---Case a moça com o escrevente, assim, " Pater est quem nuptiae demonstrant..." Quem é o marido é que é o pai.

A solução foi achada, mas enquanto discutiam dona Josefa, entrou no escritório do irmão de surpresa, já que com os ouvidos colados na porta não conseguia entender a conversa. Nesse momento os dois tinham fisionomias diferentes. Padre Amaro todo satisfeito saiu prometendo encontrar-se a noite na casa da S. Joaneira e enquanto isso da. Josefa perguntava ao irmão.

---Ha novidade?

--Grande novidade, mana morreu o senhor D. João VII

A noite dos dois padres tramaram o que deveria ser feito. Encontrar João Eduardo, pois êste tinha desaparecido de Leiria, mas Dionisia, com seu faro de mulher tarimbada haveria de o des

cobrir em seu paradeiro. Amélia também deveria * ser trabalhada para aceitá-lo como marido; seria um casamento de arango, mas era a melhor solução. E os outros padres vítimas do Comunicado, sobre- tudo o Natario, haveriam de concordar.

---Natario, exclamou Conego Dias, -esse está fora de ação, sofreu uma queda de cavalo e fraturou a perna pela manhã. Poucos sabiam.

Quando revelaram o acontecimento na casa foi um corre corre, todos se prontificaram a ajudar o coitado do Padre Natario. Uns mandavam remédios, outros rezavam, Amélia deveria ser uma espécie de enfermeira auxiliar.

Dias depois ainda na casa do sineiro, Amaro falou a moça do plano traçada. Amélia indignou-se, afinal seria ela um trapo que depois de ter satisfeito o homem desde sua virgindade até a gravidez, agora teria de pertencer a outro e justamente aquele que fora afastado de sua união legais não, mil vezes não, a morte talvez fosse melhor, seria rebaixar-se demais e a moça desesperava-se num histerismo que assustava seu cunhado.

Amaro não a queria trocar, muito menos perdê-la, era questão social, legalizar a situação dela e tirá-lo de um possível escândalo e raivosamente procurava acalmar a moça. Aos poucos ambos sofrendo pelo curso dos acontecimentos iam compreendendo o papel que deveriam desempenhar da li para a frente. Amélia estava tão pregada ao amante que temia perdê-lo depois de casada e ele num ato de cólera chegou a bater-lhe considerando- a uma traidora se não cedesse seu corpo depois de casada. Mas ela prometia-lhe os amores, aumentando assim seus pecados. Afinal quem rouba pouco pode roubar mais.

A custa de dinheiro do cônego, João Eduardo era procurado em todos os lugares e por todos os cantos. Sua ausência inquietava os mandatários, pois amasse as escondidas, mas uma gravidez não se esconde por todos os tempos, muito menos o nascimento de um filho.

Entretanto, na casa do sineiro, havia amor, havia também dúvida, ódio, ciúme. Amaro não podia compreender o corpo da amante nas mãos de seu adversário e ela também temia por isso, ficar sem o amante, mesmo com as promessas trocadas sob juras a Eucaristia. E assim, entre os abraços e beijos discutiam os mínimos detalhes dos acontecimentos futuros.

O tempo passava e os principais personagens preparavam os espíritos das pessoas relacionadas com o casamento de João Eduardo com Amélia. Dionisia procurava o escrevente sem conseguir encontrá-lo, até que um dia veio trazer notícia de que o rapaz tinha ido para o Brasil.

---E` esta padre-mestre? exclamou Amaro, muito branco.

---Acho-a boa.

---Diabo levem as mulheres, e o inferno as confunda, disse surdamente Amaro.

---Amem respondeu gravemente o cônego

CAP. XVII

Lágrimas, tristezas, suplicio, tudo isso amargurava a moça. Sua honra, a paz, a vida tantas felicidades, tudo perdido. E a medida que o tempo passava ambos os três personagens principais

da tragédia se afligiam. Não havia mais solução. Deus ainda era a esperança. Ele ainda de via proteger os infames de erros e pecados. Conego Dias tinha razão quando disse a Amaro.

--Agora aguente as consequências.

Mas ele também se sentia culpado, pois, se ficou enfurecido quando soube pela boca da desgraçada, engoliu os argumentos do ex-discipulo só contar-lhe suas faltas, justo era que se considerava também um cúmplice. Agora achava que devia dar tempo ao tempo.

Deus dispunha, mas os dias corriam e não aparecia o remédio para o grande mal. As vezes Padre Amaro perdia a paciência, mas Amelia apontava-o como o grande culpado e o filho que ela trazia em seu ventre era dele. Essas palavras desmanchavam. Sentia o nascimento de seu próprio filho e passava amar ainda mais seus amante.

Não aparecendo o grande remédio que seria João Eduardo, apareceu outro um tanto pior para a moça, mas servia de consolação. E que dá Josefa ficara doente e Amelia servia-a como enfermeira e dama de companhia, pois além de servir mais uma causa sagrada, que era a irmã do sr. Cônego, era também sua madrinha.

Durante certo tempo estiveram nesse mister. Da Josefa assistida pelo Dr. Gouveia, quando melhorou recebeu ordem de se convalescer numa região afastada da cidade e que fosse sossegada Amélia deveria fazer-lhe companhia.

Conego Dias, de dois em dois anos, costumava ir em férias a beira mar e lá não servia para o repouso da irmã. Assim, entre uma e outra, o Cônego ia, como muitas pessoas de Leiria iam, levava a S. Joaneira, enquanto Padre Amaro ficava na cidade e da Josefa com Amelia e Gertrudes iam para Ricoça. Para Amelia, que conhecia o lugar, aquilo era outro inferno maior ainda em sua vida, mas o que fazer? Seu estado deveria ser ocultado a tudo e a todos inclusive até a madrinha, que ficaria sabendo, porém, por outros modos, que a moça ia ter uma criança de um homem casado, o Fernandes, da loja, que também a sociedade não deveria saber nada da gravidez dela, pois, quando nas- cesse a criança haviam de cuidar do assunto.

Padre Amaro conseguiu convencer a irmã do Cônego, da situação da moça, pois esta seria sua enfermeira, sua dama de companhia, mas ela devia guardar segredo da afilhada e dar toda a atenção a pobre e desconsolada moça, sob pena de cometer um grande pecado mortal.

Novamente tudo parecia ir bem. Na cidade não havia os curiosos, em Ricoça não ia ninguém. Mesmo Amelia que se opunha a esse tenebroso plano, bom para eles, mas castigo para ela, já começava entender, isto porque seu amante vinha com as vontades divina, era dar graças a Deus pela genial ideia. Afinal, a casa era boa, ela tinha a madrinha, a Gertrudes, pomar e outras distrações e ninguém seriam curiosos com seu estado gravídico.

Ele mesmo estaria periodicamente dando uma volta por lá.

Dias depois, uma carruagem levava de Josefa, Amelia e Gertrudes para Ricoça; outra levava S. Joaneira para Vieira, com as recomendações ao Cônego Dias, o qual já se achava tomando banho salgado. Igualmente a velha recomendava ao vigário vigiar e proteger a coitadinha de sua filha.

Após essas partidas, Totó veio a falecer e Amaro voltou a casa do sineiro, embora aquela figura morta causasse-lhe repugnância, para mostrar seus sentimentos hipócritas ao fiel amigo, pois a

custa dele é que pode levar avante toda a sua felicidade com a menina. Amaro procurava consolar tis Esguelhas fazendo ver que Deus tinha em conta os seus sofrimentos e também da doente. Ela agora estava no céu e ele aliviado de uma doente que na terra somente sofria.

CAP. XVIII

Padre Amaro, com as recomendações do Conego, evitada visitar o sítio de Ricoça a fim de não dar muito na vista o acontecimento. Enquanto isso, a moça sofria a nova mudança. Sua mãe na beira mar, ela num buraco, curtindo um crime que não teria havido, não fosse o Comunicado e também o aparecimento de Amaro na cidade, este também não aparecia para quebrar um pouco a monotonia.

E quando chegava a noite, o inferno aumentava para ela. Vivia assim numa prisão involuntária. Ao deitar-se, vinha-lhe os pensamentos do crime, do vestido de N. Senhora, dos gritos que Totó dava chamando-lhes de cães sujos; a sombra semelhava figura que vinha para agarrá-la, sufocá-la. E isso fia aumentando à medida que os dias e noites passavam. Sua aflição, seu medo, seus temores fizeram com que Gertrudes viesse a dormir com ela. Mas a empregada não tinha remorsos, não tinha contas a ajustar com Deus, com os santos e anjos, assim mesmo protegida, Amelia não escapava de seu subconsciente. Ninguém vinha lhe pegar, mas seus pensamentos, suas lembranças faziam as figuras serem tenebrosas mais do que o próprio demônio.

Um dia, por ser Ricoça paróquia do Abade Ferrão, este veio visitar as irmãs de seu colega e essas visitas repetiram-se a miudamente e Amélia, que já o conhecia de nome passou a vê-lo pessoalmente. De Josefa não gostava de seu modo de confessar, pois acostumada aos pecados da cidade, estes eram bem diferentes do povo da roça, mas Amelia foi entrando na simpatia dele e resolveu contar em confissão toda sua vida e sua agonia com a gravidez, e agora com os sonhos.

Dona Josefa era tão sensível ao pecado que, por ter esquecido um saiote de flanela om que cobria as pernas, Nossa Senhora estava-lhe a feri-la com alfinetes.

---Oh, minha senhora:

---Aí, não é tudo, senhor Abade!

E por aí desandava numas explicações pecaminosa que o bondoso do Abade não podia conceber tamanho critério. E todo o clero da cidade mantinha seus fiéis numa confiança a Deus como um grande justiceiro a castigar a ovelha por qualquer ofensa, ao invés de estimular maior confiança e ver Deus, como uma figura amiga a perdoar nossas falhas.

Mas dona Josefa não quiz mais saber do Abade, aquilo não era sacerdote, era uma toupeira. Recebia-o apenas como uma visita a sua saúde e ainda em respeito a um colega de seu irmão.

Ferrão saindo da casa procurava despedir da moça, pois esta mostrava-se, embora tristonha, mais amizade, mais cordialidade. E a amizade, a confiança foi aumentando, que quando o Abade vinha, Amelia saia pelo caminho a esperá-lo na casa de um ferreiro. A vila era composta de umas quinhentas pessoas e todos viviam pacatamente.

Certo dia, a propósito de uma conversa sobre as lutas e glórias de São Francisco Xavier na Índia, e depois no aproveitamento das terras, do pomar do Conego Dias, Amélia falou de seu medo com sonhos e ruídos que ouvia na casa noite.

O abade riu, achou graça do medo de tamanha moça e ela atraída por aquele interesse e bondade contou-lhe as vozes que ouvia quando deitada. Entretanto o bom sacerdote percebeu coisas através das palavras e disse a moça

---Tem havido sucesso por aí, mas nem sempre Deus permite o abuso do demônio, por isso debes tirar as imaginações da cabeça.

Com essas palavras o abade involuntariamente ia ganhando a confiança da moça. Chegados a casa se sentaram na área. Vinha em seguida uma paz de espírito semelhante a paz dos campos e um pássaro cantou.

---É um rouxinol...

---Os rouxinóis não cantam a esta hora - disse o Abade E um melro..... Aí está um que não tem medo de fantasma, nem ouve vozes....

Enquanto conversavam, uma conversa mística de paz e bondade, Amélia num estado nervoso pôs-se a chorar causando espanto ao padre. E o velho sacerdote estranhou, querendo saber o motivo.

---Que infeliz que sou: murmurou ela aos soluços.

---Sejam quais foram as aflições, as inquietações, uma alma crista tem sempre a consolação à mão...Não há pecado que Deus não perdoe, nem dos que não acalme, Lembre-se disso...

E assim o Abade percebendo que naquela alma ia um estado diferente do que parecia, colocou a Igreja para moça se desabafar a qualquer hora do dia ou da noite.

No outro dia já pela manhã, Amelia foi ao confessionário do Abade Ferrão e durante duas horas fez a narração de toda sua amizade e relações intimas com o Padre Amaro.

CAP. XIX

Padre Amaro em sua casa suportava com impaciência a presença do Coadjutor. Este com conversa sem pressa ia de hora em hora fazendo perguntas. Viera ali para falar de um batizado a ser feito no outro dia. A conversa por ser monótona e demorada, versava sobre vários assuntos. Por fim apareceu Dionisia apressada, vinha trazer-lhe uma grande notícia. E que João Eduardo fora visto na cidade; estava na casa do senhor Morgado, a serviço da educação dos filhos. E o importante é que da cidade a casa do patrão, nos Poiais, o viajante pelo caminho passava pela Ricoça onde estava Amélia.

Aproveitando a notícia, Amaro deu a informante umas moedas e rumou para o sítio. Fazia tempo que lá não ia e quando foi chegando ao casarão seu coração batia forte e esperava já contar com Amelia em seus braços para novas jornadas de amor. Chegando ao casarão bateu palmas e ao abrir a porta, Amelia apareceu toda desalinhada. Ela retirou-se assustada deixando-o ali desconsolado. Ia bater palmas outra vez, quando apareceu Gertrudes que o recebeu toda satisfeita e o conduziu ao quarto da velha enferma.

Durante o tempo que ali ficou aproveitou para saber muitas coisas e contar outras tantas inclusive do Conego Dias lá em Vieira.

Dona Josefa não perdia tempo para criticar a pobre moça, a qual além das consequências de uma gravidez ilícita, ainda tinha outros defeitos. Padre Amaro, entretanto, advertia a velina com a falta de caridade para com o próximo, sob pena de cometer grande pecado mortal.

Tendo Amelia vindo ali, a cada trecho da conversa citava o nome do Abade Ferrão, provocando com isso uma certa suspeita por parte de Amaro, ou então um pouco de ciúme. Gertrudes também elogiava as virtudes do bom velho Abade.

Assim Padre Amaro passou um bom tempo em família até se retirar, quando então convidou Amélia para guiá-lo até o portão, pois a casa era grande e podia se perder. Era um pretexto bem sabido para levar a moça ao seu lado e fazer um pouco de namoro, uma vez que já estavam separados a bom tempo. Ainda no caminho Amaro quiz beijar e abraçá-la, mas a moça recusou causando estranhes. Ali no portão ficaram um e outro a demonstrar a situação de ambos. Amaro estranhava, mas insistia e ela se defendia fazendo-o ver que o passado pertencia ao passado. Restava agora que se acabasse a gravidez e ela se portaria esmo uma moça perdoada dos pecados, porém, determinada a não pecar mais. Amaro contragosto e não conseguindo nada aproveitou então para falar da presença de João Eduardo por aquelas bandas e que ela então se precavesse. Ela, entretanto, fê-lo ver que nem o rapaz mais interessava.

Fracassando nas suas investidas, Amaro achou então que o grande homem de Amélia era agora Abade Ferrão e assim se retirou daquela mansão mais raivoso ainda, pois Gertrudes já estava ali a iluminar a grande sala.

Durante a caminhada Amaro ia meditando, ao mesmo tempo foi acalmando seus pensamentos, mas passou uma noite intranquila e na manhã seguinte rumou novamente para Ricoça. A velha ficou satisfeita, queria que ele viesse todos os dias, no entanto Amaro se preocupava era com Amélia.

---Amélia, dizia a velha, vai todos os dias de manhã a casa do Abade.

Enquanto a velha derramava suas inquietações sobre Amelia e o Abade, Amaro, embora ciumento, procurava disfarçar as atitudes e ainda defendia o colega, mas a velha continuava despejando suas iras contra a moça e contra tudo, achava até que ter-se confessado com o Abade já era um grande pecado, um grande crime.

Diante daquelas revelações Amaro não aguentou mais e abalou em direção a igreja * do outro sacerdote, mas em meio do caminho encontrou a moça e aí passou a fazer perguntas. Suas palavras eram grotescas, imperativas, impróprias de um padre, mas vendo a tranquilidade da amante em repelir os ataques ficou mais furioso ainda e retirou-se dali mesmo. Para Amélia, o passado tinha se acabado, ela agora aguardava o desenlace da gravidez e voltar a ser uma moça decente e honesta.

Os argumentos de Amélia não foram bons para Amaro e com isso já tramava fazer coisas, mas também podiam surgir-lhes complicações, então o jeito era ter calma. Em sua casa escreveu uma carta bem grande e cheia de revelações amorosas, ternuras; todavia entregue a Amélia, não obteve resposta. Outras foram escritas, levadas, mas como a primeira que só teve uma simples resposta, as outras nem isso tivera. " Deixa-me em paz", era tudo que moça escrevera na primeira. Então Padre Amaro resolveu empregar outra tática.

Passou a noite refletindo, imaginando, lembrando seus bons tempos na casa do sineiro e tudo isso só serviu para torturá-lo mais, a perda da moça não entrava na sua mente, e agora tudo parecia rolar água abaixo, por influência de outra pessoa. De manhã rumou para Ricoça, embora a intenção fosse não voltar mais lá. No caminho encontrava pessoas que o cumprimentava, respeitava-o como um sacerdote exemplar, devido ao cargo de vigário da Sé, entretanto mal sabiam que por dentro daquele corpo vestido de preto ia um homem cheio de raiva, ciúmes e pronto para cometer um crime. E para complicar mais, ao chegar a casa encontra com o colega, porém, desencaminhador de seus propósitos. Trocaram saudações e depois advertências. O Abade sabia em que situação estavam as coisas e qualquer ato a mais as coisas se complicariam. Amaro voltou para a cidade, mas teve a oportunidade em ver João Eduardo passar por ali. Aquilo aumentou-lhe mais seus ciúmes, sabia que aquela vítima dos padres estava agora muito bem como professor dos morgadinhos, filhos do sr. Morgado, homem de posses e bem influente na região dos Poiais e ainda mais, não obstante ser homem de bom coração, tinha grande ódio do clero.

João Eduardo sabia, através do Abade, que Amélia, dona Josefa, Gertrudes, estavam na Ricoça e o Abade vinha fazendo um trabalho de aproximação entre o rapaz e a moça, mesmo porque, entre ela e Amaro havia uma grande estrada que os impossibilitavam de se unirem legalmente.

Margado era outro anticlerical, entretanto, isso não o impedia de receber o Abade, que aliás ia em sua casa como um cidadão amigo e lá trocavam os mais variados assuntos, mas uma das razões era convencer Eduardo a se casar com Amélia, inclusive aceitando o filho dela que não poderia ter um pai ilegalmente. Com relação a moça, também estava sendo tratada e já aceitava o rapaz com bons olhos e quanto a publicação do "O Comunicado", aquilo foi um ato contra os fariseus e não contra o bom clero. Assim caminhavam os acertos e todos já visto uma grande reconciliação. Entretanto, quem não perdia esperanças era Amaro, o qual fazia também seus planos diabólicos. Quanto ao Gouveia, este também fazia conselhos a moça sobre seus preparativos, sua higiene, pois o parto estava por alguns dias e em qualquer emergência ou necessidade de estava à disposição.

Amélia temia com as possíveis descobertas. Para ela todas as pessoas já sabiam ou viriam a saber de seu verdadeiro escândalo e assim pedia as pessoas de sua intimidade não revelar a ninguém, inclusive porque, até o autor de sua desgraça era outro, um inocente que nem sabia dessa situação. O médico, o Abade e outros garantiam-lhe segredo. Para o doutor, interessava que ela cumprisse os preceitos biológicos, embora ilegalmente.

Passara-se bom tempo, tudo parecia estar em paz. Amélia confortada com os conselhos do Ferrão e a prestação do médico continuou cuidando de si e do preparo para a vinda do filho. Dona Josefa, no entanto, devido à ausência de Amaro impacientou-se, mandou chamá-lo, mas a resposta do portador foi de que o padre tinha ido a Vieira. A essa resposta veio na moça ideias extravagantes: estava Amaro gozando as delícias de uma praia, catando conchinhas, banhando-se e ela ali sozinha sofrendo e ainda mais, passando necessidade para o cuidado da criança. Muitas coisas precisavam ainda ser feitas o enxoval e sobretudo, o destino da criança.

Suas lamentações faziam também à Dionisia. Esta procurava tranquilizá-la, ao mesmo tempo defendia o padre. Como conhecedora de muitos assuntos, principalmente em amores alheios, pois foi ela orientadora daquelas consequências, procurava ampará-la e quanto ao enxoval

prometia arranjar de outras pessoas, porém, Amelia se opunha, afinal o fruto era ilícito, mas a personagem principal daquilo tudo tinha condições. Enquanto Amaro recebia lições ou gozava as delícias de Vieira, o inferno no casarão aumentava. Dona Josefa sentia a falta de um bom confessor, via em sonhos até os santos fazerem pecado. Veio o Abade de Corte açã, mas este era mais curador do corpo, do que da alma. A velha já ia chamar o Padre Brito, quando numa tarde apareceu todo trigueiro, cheio de vida, um tanto queimado, o Padre Amaro. Os dias à beira do mar tinham-lhe feito muito bem. A velha até chorou de alegria; Amelia interessou-se por sua mamãe. La todos iam bem " e aqui como tem ido?" D. Josefa lamentava pela solidão, falta de amigos, chuva. Amaro então para provocar ciúmes contava suas delícias nos dias que ficara em Vieira e já se aprontava para obter mais licença e voltar para a praia.

---Ora essa Outra vez replicava Amelia.

---Sim, disse ele, se o senhor Chantre me der uma licença de um mês, vou lá passá-lo.

Amaro viera com boas experiências de Vieira, por isso tratava-a com indiferença, mas Amelia fê-lo ver que o Abade estava doente e não podia vir ali. O sacerdote então fazia os elogios no colega e prometia visitá-lo tão logo pudesse e assim retirou-se da casa sem a menor preocupação. Seus modos irritaram a moça que procurou fazê-lo ver de sua situação. Amaro procurou tratá-la como uma senhora de respeito e não mais como uma amante. Durante aquela noite Amélia passou em terrível transe, seus maus pensamentos voltaram. No outro dia Amaro voltou mais cedo, ficou um bom tempo no quarto da velha e quando se retirou tratou novamente Amelia como uma senhora respeitável. Ela perdeu a paciência e o tratou de infame. Agora percebia que estava totalmente abandonada e mais próxima de ter a criança. Pensou em denunciá-lo ao superior. Todavia, durante a noite fez seus planos inclusive escreveu uma carta cheia de acusações e lastima. A resposta de Amaro pelo João Zito da quinta, foi de que "talvez aparecesse por lá na quinta-feira". Enquanto a moça vertia lágrimas pela estupidez do amante, Amaro em sua residência antegozava de alegria o estratagema aprendido em Vieira com o brilhante Pinheiro, premiado em direito e glória de Alcobaça. Esse autor dizia em conferência que o "amor é como a sombra, ou está na frente e sempre corre, ou está atrás da gente e nunca nos alcança".

Na quinta-feira Amaro apareceu na Ricoça e Amelia o esperava. Ela estava praticamente sozinha, pois sua madrinha dormia e Gertrudes havia ido à cidade. Em vista disso Amaro penetrou familiarmente em seu quarto e foi admirando o cômodo, a paisagem que se avistava ao longe, a terra do Morgado e outras vista, mas Amelia se preocupava com a correspondência, a falta de atenção. E o Padre dizia.

--E 'boa! E porque não respondestes as minhas. Quem começou? Foste tu.

E assim foram trocando palavras. Entretanto a moça ia narrando seu estado e a proximidade do parto, os afazeres sobre o nascimento e outros cuidados mais. Todavia, Amaro que vinha se mostrando distante da situação ia ganhando a confiança e sobretudo o que mais queria, a volta de amor e como ameaçando voltar para Vieira encontrou resistência por parte de Amélia que ali mesmo sem pressentir a porta encostada, entregou-se novamente ao amor, como outrora fazia na casa do sineiro.

Passados alguns dias o Abade Ferrão tendo melhorado do ataque reumático voltou a casa e foi narrando os favores do Morgado, inclusive procurou sondar a moça para ver se estava realmente

interessada no casamento com João Eduardo. E essa altura Amélia estranhou, não podia dar uma resposta já. E que nesses dias atras, por não ver mais o Abade e sim seu amante, voltou a gozar os amores e na noite desse dia, o Padre já devia voltar a encontrar a amante, mas uma matilha de cães o atropelou.

CAP. XX

O tempo corria rápido ou devagar? O fato é que Amaro começava a ver fantasma. A S. Joaneira queria voltar para casa e o Conego Dias a segurava em Vieira, mas em carta apressava seu ex-discipulo, pois a coisa na praia não andava bom. Também o Cônego Dias perguntava sobre o destino do fruto.

Com essas notícias, Amaro se preocupava e consultava Dionísia, quanto tempo ainda demorava para Amelia ter a criança.

---De quinze a vinte dias, respondeu Dionísia.

Assim Amaro respondeu ao Conego em carta, que a própria mulher a poria no correio.

A Entretanto, Amaro agora preocupava-se seriamente com o destino da criança e Dionísia mais uma vez devia cooperar. A mulher falou em diversas amas, mas ambas estavam com problemas: uma, muito boa, entrara no hospital; outra morava nos Poiais, perto dali mesmo, a outra morava na Barrosa, mas essa, a própria informante não apreciava, era uma tecedeira de anjos.

Todavia, para Amaro qualquer uma dava certo, contanto que levasse a criança, caso nascesse viva, pois havia também a esperança de nascer morta, o que não haveria problema. Mas a de Barrosa momentaneamente soou mal, isto é, todas as crianças nas mãos daquela mulher morriam ninguém conseguiam saber a causa, nem a Saúde, nem a Polícia. E que todos os que entregavam as crianças para ela cuidar, já pagavam um ano adiantado, inclusive eram frutos ilícitos. Assim, a S. Carlota, como era conhecida, não obstante ser mulher de quarenta anos, forte, bonita, porém, casada com um homem tipo anão o qual vivia com a mulher como um carrapato, aceitava a incumbência de criar filhos dos outros, mas acabava ficando sem eles.

Amaro andava nervoso, tudo parecia complicar-se, mas por fim, diante de um ou outro meio, acabou rumando para barrosa e de um modo bem indiscreto acabou acertando para a mulher cuidar da criança. Era para ele um sobrinho.

Por ocasião do nascimento, a mulher deveria estar por perto da casa; Dionísia traria até ali entregando a Amaro e este passaria a mulher e não se tocava mais no assunto. Amélia tão logo recuperasse as forças iria para a cidade de Leiria.

Amelia também vivia preocupada pelo destino da criança. Ela sabia que não poderia cria-lo, mas queria que não fosse um enjeitado, Como tantos meninos conhecidos por esse mundo e isso ajudava a torturá-la mais ainda afetando sua saúde. A criança, se fosse menino, devia chamar-se Carlos e na mentalidade da mãe ela já via o Carlinho aqui, ali, ou lá brincando, estudando. Por isso, conforme o Abade Ferrão, ela aceitaria casar-se com João Eduardo, porque este aceitaria a moça, inclusive o filho dando-lhe nome a paternidade. Mas o Abade veio saber que Amaro vinha ali e a moça já estava novamente bem inclinada para o causador de todas as encrencas.

O bom sacerdote estranhou a atitude da moça, afinal, todo o trabalho conciliador entre ambos, isto é, entre Amelia e João Eduardo estava perdido. Amelia, já muito mudada, justificava ser Amaro o pai da criança, o pai de seu filho. O Abade percebeu as modificações dela, os acontecimentos havidos e os que ainda viriam demonstravam muito bem as inclinações de Amelia pelo Padre Amaro.

Enquanto os dias passavam Amelia torturava seu amante sobre a criança a ponto do próprio homem se desnortear. O martírio continuava entre ambos e Amelia em seu quarto sentindo dores quiz andar. Amparada por Amaro percorria seu quarto em uma bela manhã, quando levantando o olhar para fora foi advertida pelo amigo. E que lá fora passavam gente, passava João Eduardo todo garboso com seu séquito de acompanhantes. Amaro retirou-se envergonhado, mas Amelia ficou grudada na vidraça da janela apreciando o desfile. Amaro foi para o quarto de D. Josefa e está também criticava João Eduardo. Era um laçao, um excomungado, um sem-vergonha para o reino e toda a grandeza dos nobres.

Desse dia em diante Amélia não lamentava mais; Amaro não aparecia e a moça esperava o Abade Ferrão que vinha ali se acomodava e ficava a comentar os acontecimentos, as novidades sobre os Morgados e sobre o antigo namorado.

Certo dia João Eduardo, passeando pelos campos com seus discípulos e criados topou com Amaro que ia a casa da Carlota. Amaro estava com a barba crescida, aspecto bilioso. Seu antagonista perguntou aos criados quem morava naquele casebre na Barrosa e responderam-lhe.

---Uma tal Carlota... Má gente, senho Joaozinho!

Passando pela casa da Ricoça, João Eduardo não viu o rosto da moça, mas estava o cabriole do Doutor Gouveia.

Nesse dia chegara o momento final para o parto de Amélia e todos estavam em reboleiros. Médico e Dionísia em casa; Padre Amaro atras de Carlota, embora tivesse pensado na tal história de "tecedeira de anjos". E depois já em sua casa recebe a visita inesperada de Liba ninho, que passando por ali queria conversar ligeiramente. Liba ninho servia nuns regimentos militar e dizia só padre os trabalhos de conversão que fazia na caserna. Entretanto, liba ninho dizia que, segundo o Padre Saldanha, o chantre estava de olho num escândalo, pois havia recebido uma denúncia vaga.

---Pataratas do Saldanha!

---Ai, filho! Deus queira que sejam.

Liba ninho foi embora, mas Amaro ficara petrificado ao pensar numa possível descoberta por parte de seu superior envolvendo sua pessoa. Aquela notícia parecia o céu cobrando a vida do inocente como holocausto do pecado e para deixar de ser um enjeitado no mundo. E para dissipar um pouco as confusões que iam pela mente lá foi Amaro visitar o colega Natário, que há muito estava impossibilitado de prestar serviços, pois havia sofrido um tombo de cavalo e fraturada a perna. Ali conversaram, trocaram opiniões sobre muitas coisas inclusive sobre João Eduardo. Com relação a essa pessoa voltou o Padre Natario as insurgir, prometendo ainda se vingar do mesmo o qual teve a coragem de voltar para as bandas de Poiais. Mas Amaro já estava

mais compreensivo e pedia para deixar o rapaz em paz. Amaro continuava visitando os conhecidos e foi a casa de D. Maria Assunção. Essa também fez suas lamentações, contou seus pecados e outras coisas, notando, todavia, que o Padre estava com as ideias longe, Mas Amaro voltou as atenções a boa mulher e fez ver as inconveniências de tantos escrúpulos.

Já noitezinha o Padre voltou à casa. mes estava abatido, nervoso. A Escolástica, sua empregada vieram trazer-lhe luz, pois ali já estava o indesejado senhor Coadjutor e Amaro gritou que não queria nada. Quando entrou em sua casa apenas comeu um pouco de arroz e bebeu vinho aos trancos

O Coadjutor continuou com seu dia- logo monótono, notou, entretanto, que pelas trevas quer pelo modo do padre, que sua presença ali estava sendo inoportuna. Amaro respondia sempre secamente as perguntas dos visitantes. Enfim Amaro queixando-se de enxaqueca odiosa fez o Coadjutor ir embora, mas este viera para lembrá-lo de um batizado a ser feito no outro dia. Saindo a visitai e como já era noite, Amaro rumou a Ricoça. A noite estava tenebrosa, mas quente, prometendo chuva. Sua preocupação aumentava, pensando no nascimento de uma criança morta, pois era uma grande solução e seu pecado seria em parte abrandado.

Parou no casebre a beira da estrada e felizmente encontrou a matrona da Carlota que deveria apanhar a criança. Passado mais alguns momentos apareceu Dionísia trazendo um volume e Amaro perguntou-lhe se estava morta, mas o qual, estava vivo e era um rapagão. Quando o pai tomo o filho nas mãos sentiu a responsabilidade pater na, queria ficar com o menino, mas que fazer, tudo estava combinado e acertado. Entregou a criança a Carlota, cobriu-o com seu capote para protegê-lo de chuva ou frio, fez severas recomendações a mulher, exigia todo o respeito e trato.

Sozinho no escuro, vendo a mulher levar aquela criança inocente e já com um destino incerto, chorou copiosamente de tudo o que havia acontecido e podia ainda acontecer. Na catedral o sino batia dez horas da noite.

A essa hora o dr. Gouveia ceava tranquilamente e fazia uma conversa filosófica e científica com o Abade Ferrão. O parto havia transcorrido bem, entretanto o Abade estava ali para prestar os socorros espirituais caso houvesse necessidade. Enquanto o médico comia, discutia pontos defendidos pela Igreja, mas que chocavam com a dura realidade da vida, como o caso de Amélia e Amaro. O Abade limitava a escutar e vez ou outra replicava certos comentários os que eram mais pessoais do doutor do que canônico. E assim de ataque e defesa iam passando as horas. Dionísia veio avisá-lo de que a moça havia acordada e queria ver o filho. O médico o recomendou que a criança viria amanhã e mandou que a tranquilizasse a menina. Enquanto isso a discussão as vezes calorosa continuava entre os dois entendidos em ciência e religião. Mas no quarto a coisa piorava, Amelia passou a ter convulsão e o médico teve de atendê-la lá com urgência. Ferrão advertia o doutor, ele estava ali para qualquer emergência espiritual. Passara-se bom tempo, Ferrão rezava; em sua mente via a coisa agravar; o médico não voltava; Dionísia veio procurar mais panos e aproveitou para falar ao Abade. Em toda sua vida nunca perdera uma parturiente e nesses casos de convulsões não se fazia sangria, por isso a moça ia de mal para pior. Ferrão ajoelhou e passou a rezar com mais fervor em prol daquela vítima da Sociedade. Eram mais de meia noite em um mês de dezembro. A grande sala estava silenciosa, no quarto de Amelia havia um corre corre e uma vida preciosa ainda em flor da idade lutava contra a morte.

Por fim o doutor Gouveia aparece cansado, sem animo e permitiu que o Abade entrasse no quarto. Ele foi, mas apenas para administrar os últimos Sacramentos e recomendar a Deus o descanso de pobre alma.

Gertrudes, que havia acordado o empregado e mandado arrear o cabriolé do médico, conversava com o Abade, sentindo pena da pobre rapariga e dizia ao Ministro, que não sabia quem era o pai da criança, mas por tirar-lhe a criança aconteceu uma porção de desgraça e afirmando ao bom Confessor.

---Aí, senhor Abade, pobre criatura! Ia tão bem.... Eu não sei quem é o pai, mas que sei é que nisto tudo anda um pecado e um crime:

O Abade não respondeu, orando baixo pelo Padre Amaro.

Não havendo mais a fazer, nem mesmo o milagre da extrema unção que muitas vezes dá resultado, o doutor Gouveia rumou para sua casa E o condutor dizia bocejando de sono:

---Vamos ter água, senhor Doutor.

Cap. XXI

No outro dia, Amaro aguardava com ansiedade notícias do casarão. E elas não vinham. Lá fora chovia miudinho. O padre foi a sé para batizado do pequerrucho do Guedes. Os pais, padrinhos, convidados e até a parteira estavam ali, todos bem-vestidos e alegres assistindo ao batizado de mais um cristão que entrava para o seio da Igreja.

Amaro despejava água benta, punha óleo, sal, fazia os sinais da cruz tudo de acordo com os ritos canônicos excomungando o demônio qual já havia tomado conta daquele inocente. O sal, a água, os óleos tinham sentidos de proteção ao novo cristão, Mantra os pecados da carne e tentação do demônio. Mas os pensamentos de sacerdote estavam para Barrosa e Ricoça, pois lá estavam seu filho e amante. E enquanto pensava nesses lugares ia pronunciando as palavras solenes sobre o batismo da criança cujas perguntas iam sendo respondidas pelo Matias.

---Franciscus, credis?

---Credo.

---Franciscus, vis batizarei?

---Volo.

E assim terminadas aquelas cerimônias, Amaro desvestiu-se na sacristia e correu ao seu apartamento, pois esperava por Dionísia com informações. De fato, lá encontrou-a toda enxovalhada, amarrotada da luta que houvera na casa e depois vindo até a cidade atravessando estradas e ruas cheia de lama pela chuva caída durante a noite.

--Que é, Dionísia?

Ela rompeu em soluços, sem responder.

Mortal exclamou Amaro.

---Aí, fez sê-lhe de tudo, filho, gritou enfim a matrona.

Amaro tombou para os pés da cama como morto também.

Durante o pouco tempo que estiveram ali, Dionísia e Escolástica dialogaram e cuidaram em recuperar Amaro.

Eram onze horas, Amaro mandou Escolástica ir ao Cruz e solicitar um cavalo. Ele já estava vestido, encapotado e com chapéu.

Mal chegou o animal Amaro montou e rumou para barrosa, enquanto Dionísia voltava a Ricoça a fim de ajudar no preparo do funeral. O Padre deu-lhe um crucifixo para pô-lo no peito da morta.

Durante o caminho até a chegada a casa de Carlota, teve de dar lugar a um rebanho de ovelhas e enquanto parado passou a recordar seu tempo de padre na Gralheira, seus amores com a Joana, sineira da igreja, as refeições e outras coisas. Veio-lhe o desejo de voltar para um lugar solitário, longe dos homens e das cidades, sepultado com suas paixões.

A casa estava fechada, bateu, chamou, rodeou-a, forçou a porta e ninguém aparecia, nem se ouvia barulho lá dentro. Depois voltou, parou numa taberna onde uma mulher gorda informou sobre a Carlota. Esta devia estar na casa de Micaela. Uma menina foi a casa da mulher indicada e chamou a Carlota enquanto Amaro voltava a casa de Carlota e ficou aguardando seu regresso. Enquanto isso ficou pensando no destino de seu filho, pensava que estava muito bem amparado, pois havia pagado muito bem o trato e recomendado todo cuidado e atenção, mesmo assim tinha dúvidas, pensava em levá-lo a Joana Carreira, nos poiais, uma vez que as palavras de Dionísia sobre tecedeira de anjos e o aspecto do não marido de Carlota, tudo inspirava fracassos no trato da criança. E assim, menino em bons mãos lhe dava tranquilidade em seu espírito.

Então Carlota apareceu, mas quando reconheceu a figura de Amaro teve um susto.

---A criança? exclamou Amaro.

E ali tiveram uma conversa nada agradável. Enquanto Amaro gesticulava, gritava, Carlo esta vagarosamente ia explicando. A criança viera muito bem, estava bem agasalhada, protegida, inclusive com o casaco do padre, mas horas depois começou a esfriar, roxear e agora estava morto.

Foi preciso vê-lo com seus próprios olhos, Amaro não queria acreditar, Era muita desgraça em pouco tempo.

Amaro voltou como um turrão, não queria mais nada, não escutava mais nada. Entregou o animal ao Cruz e dirigiu-se ao senhor Bispo, solicitou uma licença e abandonou tudo naquela cidade maldita sobretudo as beatas que só serviam para confundir as coisas sagradas com as humanas.

Ao subir os degraus do Paço lembrou das palavras do Liba ninho na véspera e teve um pressentimento, mas o bom Padre Saldanha o recebeu tranquilamente em sua livraria e isso acalmou seus pensamentos. Seu aspecto era cansativo, pálido e isso estranhou ao Saldanha. Amaro viera pedir uma licença, ia para Lisboa, sua irmã não estava passando bem.

Obtendo a licença foi a sacristia da Catedral, ali descansou um tempo, depois escreveu uma carta ao bom mestre Conego Dias, dando conta dos últimos acontecimentos inclusive da atitude

tomada deixando Leiria. No fim da carta como observação ainda escreveu. "A criança morreu também; já se enterrou".

Terminado isso foi a casa do tio Esguelhas para despedir-se. Foi ali que ele desenvolveu toda a sua paixão, todo o seu amor, foi ali que teve seus melhores dias, que se deliciou com uma jovem linda e admirada, meiga e dócil a tudo.

Durante certo tempo os dois homens conversaram sobre muitas coisas, falaram da morte e Amélia, e Amaro, de sua ida para Lisboa. Voltando para sua casa Amaro arrumou suas malas, ofertou empregada algumas peças de roupas e recebeu a visita do tio Esguelhas. Esse viera trazer-lhe um brinco de ouro de Amélia encontrado na casa. E que a moça havia perdido numa manhã quando se deliciava em amores.

Despedindo-se de todos para não aumentar mais seus sofrimentos, pois era também muito estimado e admirado, Amaro partiu em direção Lisboa. Pelo caminho foi encontrando outros conhecidos: Doutor Godinho, o Secretário-Geral, o senhor administrador do Conselho e a todos dizia da doença de sua irmã ganhando assim mais estímulos e conforto. Todavia o senhor administrador comentou sobre a morte repentina de Ameliazinha e isso deve afligir mais o senhor Pároco.

Então o Bibi, isto é, o Secretário Geral exclamou!

---O quê? A Ameliasinha, aquela bonita que morava na Rua da Misericórdia? Morreu?

E assim um admirado, outro porque já sabia, outro porque não sabia tocaram ainda mais na ferida angustiada de Amaro. Enfim despediram-se e o viajante tocou para a estação de Chá de Maças.

CAP. XXII

Enquanto Amaro viajava para Lisboa, não tendo a coragem e a caridade em acompanhar os funerais de sua ex-amante, lá na Ricoça pelas onze horas saía o enterro de Amélia. A manhã estava áspera, o céu e os campos afogados numa nevoa padecente; e caía, muito miudinha, uma chuva gelada. Era longe da quinta a capela dos Poiais. Formado o cortejo, o menino do coro adiante, de cruz alçada, apressava-se, chapinhando a lama a grandes pernadas, o Abade Ferrão, de estola negra, abrigava-se, recitando o Exultante Domino e assim caminhavam com o esquife. À medida que iam andando pela vila outras pessoas vinham se ajuntando até que em dado momento passaram e João Eduardo, acompanhado de sua guarda aproximou-se do caixão. De seus olhos caíram algumas lágrimas. Era outra vítima daquela catástrofe. Na capela houve as recomendações segundo os preceitos da Igreja e o Abade Ferrão que havia interessado pelo destino da moça desde quando a conhecera, agora aplicava os últimos sacrifícios que se podia fazer a um cristão.

João Eduardo que acompanhava aquelas cerimônias sentia-se abalado com tudo o que se passava e chegou mesmo até quase desmaiar. Foi socorrido por seus auxiliares. Enquanto isso no cemitério o caixão de Amélia baixava a sepultura e o Abade terminava o ofício com as seguintes expressões religiosas.

---Requiem aeternam dona ei Domine!

--Et lux perpetua luceat ei, respondia o sacristão.

--Requiescat in pace

---Amem, responderam sacristão e todos os acompanhantes num murmúrio que se perdeu entre os ciprestes, as servas, os túmulos e as nevoas frias daquele triste dia de dezembro.

Cap. XXIII

Em Lisboa, por volta de 1871 havia grande alvoroço na Casa Havanesa. E que chegavam notícias extravagantes sobre os acontecimentos militares e políticos de Paris. Comunistas! Versailles! Petroleiros Thiers Crimes Internacional eram expressões usadas por garotos vendendo jornais.

Os modernos e ante clericais também desejavam isso em Portugal, enquanto os conservadores e aduladores do clero lamentavam os acontecimentos temendo uma reviravolta no país.

E com as notícias sempre chegando a cada momento, por todos os cantos de Lisboa havia exaltações, mas também a confiança dos políticos de que em Portugal não haveria golpe graças a um povo tão bem orientado pelo clero. Muitos criticavam a atitude dos revoltosos franceses, pois edifícios, obras admiráveis eram destruídas: toda a linha de boulevard da Bastilha a Magdalena ardia, e ainda a Praça da Concordia, e as avenidas dos Campos Elísios até o Arco do Triunfo. E assim tinha a revolta arrasado, numa demência, todo aquele sistema de restaurantes, cafés-concerto, bailes públicos, casas de jogos e ninhos de prostitutas! E houve por todo o Largo de Loreto até o Magalhães um estremecimento de furor.

A luta dos pros e dos contras ganhavam adeptos em cada canto e foi então que um homem de preto, que saíra de estanco e atravessava por entre os grupos, parou, sentindo uma voz espantada que exclamava ao lado:

--O Padre Amaro! O 'maganão!

Voltou-se: era o Conego Dias.

Abraçaram-se com veemência, e para conversarem mais tranquilamente foram andando até o Largo de Camões, e ali pararam junto a estátua.

Os dois puderam trocar palavras e um e outro contavam coisas de seus passados. Cônego Dias falava de Leiria, do povo, da S. Joaneira, de Natario, do liba ninho, dos Gansosos, da Escolástica, do Ferrão, Dionísia.

--E da besta do João Eduardo?

Este ainda estava na casa do Morgado, que agora andava doente.

Dionísia, esta, segundo o Conego Dias que confidenciou nos ouvidos, tinha uma casa de tolerância na Rua dos Souzas, a dois passos onde morou Padre Amaro. E a casa fora financiada por D. Luis da Barrosa.

E ali continuaram por bom tempo lembrando outras passagens inclusive lamentaram o que estava acontecendo na França onde já haviam fuzilados o Arcebispo e um grupo de padres.

Enquanto conversavam passou uma senhora acompanhado de uma moça. Conego Dias aproveitou para cutucar Amaro, dizendo-lhe. "É desse tipo que você gosta de confessar". Mas Amaro advertiu que só confessava mulheres casadas.

A conversa continuava animada, todavia apareceu o Conde de Ribamar, a quem Amaro se descobriu com toda a reverência e o apresentou ao Conego.

Amaro estava novamente dependendo de proteção do Conde para a nomeação na paróquia de Vila França, mais perto da Capital.

Os três ficaram discutindo outra vez os movimentos da França e ninguém melhor do que o Conde para contar certos aspectos políticos, sociais e econômicos da França, ali ao pé daquele pedestal sob o frio olhar de bronze do velho poeta, ereto e nobre, com seus largos ombros de cavalheiro forte, a epopeia sobre o coração, a espada firme, cercado dos cronistas e dos poetas heroicos da antiga Pátria.

---Pátria para sempre passada, memória quase perdia.

Sinótese F. Piccirilo

Comentário

O livro " O Crime do Padre Amaro, do autor português Eça de Queiroz, apresenta um assunto bastante delicado, pois além de se tratar da corrupção de uma jovem de família, ainda o personagem principal é um sacerdote. Aliás, vários são os padres mencionados na obra tidos como suspeitos, segundo a publicação de João Eduardo, sob o título de "O Comunicado". A obra é muito monótona e cansativa para leitura, os capítulos são demasiados longos. Entretanto, o que abomina no assunto é o final onde Amélia, depois de estar grávida passa por sérias consequências de ordem moral sendo ainda castigada a ficar enclausurada na Ricoça. Ali aguarda o desenrolar da gravidez como uma moça enganada por um homem casado e depois, por ocasião do parto sofre a perda do filho que lhe é tirado e entregue a estranhos e ainda mais, sofre por uma falha imprudente do médico, o qual faz tudo mais para matá-la, do que salvá-la, resultando na morte da pobre moça. Terminando a obra vamos encontrar o Padre Amaro todo regalado em Lisboa com ares bem feliz. Em parte devia ele sofrer um castigo, pois desde que entrou na casa da S. Joaneira, ó trouxe motivos para desgraça. Primeiro, porque causou o rompimento do namoro de Amélia com João Eduardo; segundo, porque violou a virgindade da moça; terceiro, tornou-se um amante dela e mentiroso a todos as pessoas ligada à família e a Igreja; quarto, fez-la ficar grávida; quinto, voltou a impedir a possível reconciliação com João Eduardo, trabalho tão bem elaborado pelo Abade Ferrão; sexto, privou-a de ficar com o filho resultando uma complicação em seu estado mórbido e ainda tendo a infelicidade do médico errar o tratamento causando-lhe uma morte estúpida. Também a criança entregue a uma "Tecedreira de Anjos", acabou morrendo como Dionísia havia previsto.

Personagens mais citados na obra

Padre Amaro Vieira

Amelia Caminha

Augusta Caminha ou S. Joaneira

Arthur Carreiro

Abade Ferrão

Conego Dias

Carlota Tecedeira de Anjos

Chante Valadares

Conde de Ribamar

Dionísia

Tio Esguelhas

Dr. Godinho Advogado

Dr. Gouveia Medico

Gertrudes criada de D. Josefa

João Eduardo

D. Josefa Dias

Joaquina Gansoso

Padre Liset

Libano ou liba ninho

Senhor Mendes, Coadjutor da Se

D. Maria da Assunção

Padre Natario

Padre Silvério

Lugares mais citados na obra

Leiria – cidade e capital de uma província portuguesa; sede de um bispado.

Catedral ou Sé

Rua da Misericórdia

Rua dos Souzas

Poiais

Barrosa

Viera

Ricoça

Lisboa – cidade e capital de Portugal

Sinópsse – F. Piccirilo